No que o mercado está de olho após vitória de Lula e 'reprecificação' dos ativos, na visão da Armor Capital | MONEYTIMES, 28 de outubro de 2026

Reprecificação. Essa é a palavra que resume a forte onda vendedora dos ativos locais no dia seguinte ao segundo turno das eleições, na avaliação de Paula Moreno, co-CIO e sócia da gestora Armor Capital.

"O movimento ficou dentro do que era esperado em caso de uma vitória de Lula. Os modelos já apontavam para uma queda de 15% da Bolsa, abertura dos juros em mais de 200 pontos-base e real depreciando algo próximo de 8%", destacou Paula, em entrevista ao Money Times.

Fed deve manter juros e pausa pode ser temporária. O que isso significa para a Selic? | InfoMoney, 28 de outubro de 2026

Mercado aposta em manutenção das taxas americanas nesta quarta-feira, mas escalada de preços de energia sinaliza aperto em dezembro e reduz espaço para queda de juros no Brasil.

Para Gustavo Rostelato, economista da Armor Capital, é esperada uma "comunicação cautelosa, com viés contracionista", sem sinalizações explícitas (forward guidance) sobre o momento ou a magnitude de eventuais ajustes adicionais nos juros.

Eleições 2026: quais os impactos da reeleição de Lula para o mercado financeiro?

A vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais trouxe uma mudança significativa nas expectativas do mercado.

Em entrevista à EXAME, Alfredo, da Armor Capital, analisou os possíveis reflexos do resultado eleitoral sobre o câmbio, a inflação, as taxas de juros e a trajetória fiscal brasileira.

Na avaliação de Alfredo, a surpresa eleitoral pode provocar uma forte reprecificação dos ativos, com pressão sobre o real e, especialmente, sobre os juros prefixados de longo prazo.

O principal ponto de atenção é o cenário fiscal. Com a dívida pública em patamares elevados e juros reais altos, a sustentabilidade das contas públicas dependerá de sinais concretos de responsabilidade fiscal.

Confira a análise completa neste trecho da entrevista à EXAME.

IPCA+ ou prefixado? Como investir no Tesouro Direto às vésperas do 2º turno | Infomoney, 22 de outubro de 2026

Taxas reagem de forma contida à pesquisa que mostra empate técnico entre Flávio e Lula, e gestores apontam o IPCA+ como opção para quem pode esperar, enquanto veem pouco espaço de ganho nos prefixados.

Menezes, da Armor, avalia que o juro real de equilíbrio do Brasil está mais alto não só pela questão

fiscal, mas também pelo cenário externo. “Por isso que eu falei que o potencial de ganho na curva pré [de juros prefixados], para mim, é bem menor do que muitos agentes pensam”, diz.

Dólar à vista tem leve alta com ajuste externo e atenção à disputa presidencial | Valor Econômico, 21 de outubro de 2026

O dólar à vista devolveu um pouco do movimento de apreciação do real dos últimos dias, em meio a um ajuste externo, com a moeda americana mais forte em boa parte dos mercados emergentes. A aproximação do segundo turno da eleição presidencial também pode ter começado a engatilhar um
comportamento mais defensivo dos agentes, ainda que predomine a perspectiva de vitória do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Para o economista Gustavo Rostelato, da Armor Capital, o câmbio pode ainda apreciar, caso o cenário desenhado pelo mercado se realize, mas a dinâmica tem magnitude limitada. “Boa parte da surpresa em relação às pesquisas já foi observada no primeiro turno. Vai ter uma melhora no real, caso a oposição vença, mas depois esse movimento vai ficar mais dependente das definições de governo e das políticas econômicas”, diz.

De “lua de mel” a “piora intensa”: como gestores veem a reação do mercado ao 2º turno | InfoMoney, 21 de outubro de 2026

Gestores e economistas veem mais espaço para queda forte dos ativos com Lula do que alta prolongada com Flávio, e condicionam o cenário mais construtivo a detalhamento de ajuste fiscal.

Alfredo Menezes, CEO e CIO da Armor Capital, é mais cético e espera uma alta adicional de 8% a 10% na Bolsa que tende a ser devolvida. Para ele, o potencial de ganho que sobrou não compensa o risco. “Não acho que o mercado está oferecendo muito prêmio para ficar apostando a favor”, diz. “Pode ser um tipo de voo de galinha.”

Setembro foi um mês de cautela nos mercados, mas também de oportunidades para a Armor Capital.

Enquanto o cenário internacional foi pressionado pela perspectiva de juros mais altos nos Estados Unidos, no Brasil, as pesquisas eleitorais e as expectativas sobre o cenário político movimentaram os ativos.

Nesse ambiente, nossa estratégia foi explorar a relação entre as duas economias, com uma posição vendida em peso mexicano e comprada em real, mantendo uma exposição controlada diante das incertezas.

Com a chegada de outubro, nossa visão para o Brasil se tornou mais otimista, considerando as possibilidades de mudança no cenário político e seus potenciais impactos sobre a economia e os mercados.

Setembro foi marcado pela volatilidade e por uma mudança importante nas expectativas para os juros americanos.

Após as sinalizações do Federal Reserve em agosto, os dados de inflação reforçaram a necessidade de uma política monetária mais restritiva, levando o Fed a elevar os juros em 25 pontos-base em setembro.

As tensões no Oriente Médio e os impactos das tarifas comerciais sobre a inflação americana também seguem no radar dos investidores.

Apesar das incertezas, nossa expectativa é de apenas mais uma alta de 25 pontos-base, em dezembro.

Confira o minuto do gestor completo em nosso canal!

No cenário internacional, o mês de setembro foi dominado pela consolidação de uma postura marcadamente hawkish do Federal Reserve sob a liderança de Kevin Warsh, respaldada por dados de atividade e inflação que atestaram a resiliência da economia norte - americana. Esse pano de fundo provocou um movimento expressivo na renda fixa global, com as Treasuries abrindo cerca de 50 bps nos vértices curtos e médios. O movimento de risk - off decorrente dessa forte reprecificação dos juros impulsionou o dólar no mundo, levando o DXY a se fortalecer 2% no mês. Como reflexo, as moedas emergentes, sobretudo as de maior carry , desvalorizaram de forma acentuada, com destaque para o
peso mexicano, que recuou mais de 6%. O ambiente de dólar apreciado e juros em alta também pressionou as commodities metálicas, com o ouro caindo mais de 6% e a prata recuando mais de 9%.
Nas bolsas norte - americanas, embora o S&P 500 tenha encerrado o mês praticamente estável após semanas de volatilidade, o aperto das condições financeiras penalizou as empresas mais sensíveis ao ciclo econômico, levando o Russell 2000 a uma queda de 5,4%. No setor de energia, a sinalização do governo norte - americano sobre uma possível proibição das exportações de diesel adicionou volatilidade a um mercado já pressionado pelos impactos dos conflitos no Irã e na Ucrânia, cujos danos à infraestrutura de refino vêm reduzin do a disponibilidade global de derivados de petróleo.

Leia a carta completa em nosso site: www.armorcapital.com.br

Dólar e juros futuros estendem rali, mas Ibovespa tem ajuste | 07 de outubro de 2026

O bom momento dos mercados locais no pós-primeiro turno teve continuidade parcial na sessão desta terça-feira, com os juros futuros e o dólar novamente em queda, mas a bolsa brasileira devolvendo parte da forte valorização da véspera. Apesar do movimento mais contido, o otimismo sobre os ativos brasileiros se manteve presente nos relatórios de instituições globais.

Menezes, porém, diz não ver o dólar abaixo de R$ 4,80, a não ser que os termos de troca ajudem a moeda. “Tenho um viés de que os preços do petróleo devem cair, e isso é que tem ajudado a fortalecer nossa balança”, afirma. “Além disso, temos que pensar no cenário externo. Esse

ambiente de fora é que vai estabelecer até onde vai nosso rali. Não dá para falar em NTN-B abaixo de 6%, se a economia americana se manter forte e os juros mais altos por lá."

ELEIÇÃO ANIMA INVESTIDOR E MUDA FOCO PARA SELIC, DIZ CIO | 05 de outubro de 2026

Em entrevista à Broadcast, Paula Moreno, sócia e co-CIO da Armor Capital, diz que o resultado do primeiro turno das eleições veio muito fora do consenso e pegou o mercado de surpresa, o que ajuda a explicar a reação forte dos ativos.

Para Moreno, há espaço para rali no curto prazo e o foco do investidor já se desloca para as projeções de Selic no próximo ano, mas a sustentação do movimento dependerá de sinais concretos, como a definição da equipe econômica e compromisso com ajuste fiscal.
"A confirmação do nome para a Fazenda seria bastante relevante para o investidor estrangeiro."

Quanto aos números nas pesquisas, o problema é que nenhuma pesquisa captou a vantagem de Flávio. Isso aumenta a incerteza e dificulta atribuições.
Fica difícil usar pesquisa hoje, porque erraram muito. Há a precificação de hoje, os investidores se posicionam, mas a alocação ainda tende a ser limitada porque faltam três semanas. O mercado foi pego de surpresa e abre com gap grande. As pesquisas erraram e houve surpresa também com a nova composição da Câmara e do Senado.

Bolsa pode chegar aos 200 mil pontos hoje? O que o mercado espera após o 1º turno | Exame, 05 de outubro de 2026

O mercado financeiro brasileiro deve viver nesta segunda-feira, 5, um dos pregões mais agitados do ano. Depois de Flávio Bolsonaro (PL) terminar o primeiro turno das eleições presidenciais à frente de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), gestores e analistas ouvidos pela EXAME esperam forte alta da bolsa, valorização do real e queda dos juros futuros.

Menezes destaca as estatais, papéis em que ele daria mais foco no curto prazo, por serem negociados com desconto ligado ao risco político de um governo com viés expansionista.

No câmbio, Menezes projeta que o real se fortaleça entre 3,5% e 4% já nesta segunda. O dólar fechou a sexta-feira cotado a R$ 5,216. O gestor conta que já estava comprado em real antes da eleição, mais por fundamentos econômicos, como a condição do Brasil de exportador líquido de petróleo, do que pelo cenário político.

Eleição já alimenta demanda por NTN-B | Valor Econômico, 02 de outubro de 2026

A perspectiva de que uma possível vitória da oposição traga um ajuste à política fiscal mudou o patamar dos juros reais das NTN-Bs, os títulos da dívida pública atrelados à inflação.

Para Igor Campos, gestor de renda fixa da Armor Capital, o intenso recuo dos juros reais de longo prazo também se dá por um ambiente técnico de "pouca profundidade" no mercado de NTN-Bs, em especial nesses trechos mais longos da curva. "É um mercado que perdeu bastante liquidez, está sem tanta profundidade, e os fluxos acabam fazendo muito mais preço tanto para um lado quanto para o outro", diz.

Desta forma, Campos diz ter uma visão mais cautelosa e vê o futuro das NTN-Bs bastante atrelado ao resultado das eleições neste mês. Para ele, o risco de o mercado brasileiro ter que devolver os prêmios de volta às curvas é grande por conta do patamar atual das taxas globais.
“Se não tivermos essa alternância de poder, acho que o mercado como um todo estará devendo bastante, dada a abertura dos juros lá fora. Conseguimos nos descorrelacionar muito por causa do ‘play’ eleitoral, mas, caso ele não se concretize, veremos um retorno bastante relevante tanto nos juros reais quanto nominais”, diz ele.

Bolsa se destaca em meio a incertezas | Valor Econômico, 01 de outubro de 2026

Setembro foi um mês que se dividiu entre antes e depois da alta de juros pelo Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA) e, nos últimos dias, marcado pelas mudanças mais significativas nas pesquisas de intenção de voto para a Presidência da República no próximo domingo.

Investidores mantiveram pouca exposição a ativos mais arriscados, à espera de maior clareza sobre os cenários externo e doméstico. “Está tudo muito defensivo. Ninguém quer colocar muito risco na mesa, porque o cenário lá fora é de alta de juros”, afirma Paula Moreno, sócia e co-CIO da Armor Capital.

Na Armor Capital, a preferência é por juros nominais brasileiros com vencimento em torno de cinco anos. Na bolsa brasileira, Moreno destaca o setor de petróleo e, na americana, comprou ações de bancos americanos, com uma tese de ganhos de produtividade com inteligência artificial e maior atividade de fusões e aquisições.